

A questão da verdade em Husserl

The question of truth in Husserl

Creusa CAPALBO
(UFRJ e UERJ)

Resumo

A Verdade segundo Husserl se alcança pela via da intuição. Ele refuta e critica a concepção clássica da verdade como adequação que nos conduzia ao realismo imediato ou mediato, isto é, pela mediação da imagem. Para Husserl a intuição tem o sentido pregnante de evidência atual, de ida às coisas nelas mesmas, onde o objeto é dado exatamente tal como ele é visado. A verdade para Husserl é a adequação entre o que se intenciona significar e o significado. Ela é sempre a verdade de um sentido promovido pelo ato intencional da consciência como preenchimento de sentido à coisa.

Palavras-chave: Verdade clássica. Fenomenologia. Intuição. Verdade transcendental. Significado.

Abstract

The truth in Husserl thought reached by the way of intuition. He refutes and criticizes the classic conception of truth as adequacy that conducted us to the immediate or mediate realism, or better, by mediation of the image. For Husserl the intuition has the pregnant sense of present evidence, of going to the things themselves, where the object is given exactly as it is aimed. The truth for Husserl is the adequacy between that one intends to signify and the signification. It is always the truth of a sense promoted by the intentional act of consciousness as fulfilling of sense to the thing.

Key Words: *Classic Truth. Phenomenology. Intuition. Transcendental truth. Signification.*

Husserl parte da definição clássica da verdade como correspondência da mente à realidade, o que supõe, segundo ele, a teoria da representação, do ponto de vista da teoria do conhecimento. Daí o passo seguinte, no pensamento clássico, foi o de

conceber a verdade como propriedade transcendental do ser ou verdade ontológica.

A verdade entendida como adequação do intelecto dar-se-ia ou em contato imediato com a realidade ou em contato mediato, ou seja, pela

imagem da realidade. Neste caso a realidade é considerada como singular e o ato intelectual que fornece o conceito pela abstração dá-nos o universal. Entre o singular e o universal se interpõe a imagem da realidade.

Husserl vai optar, tal como se lê na 6ª investigação de sua obra "Investigações Lógicas"¹, pela perspectiva do contato imediato com a realidade pela via da intuição, que nos permite "ir às coisas nelas mesmas", tais como se mostram à consciência, proporcionando-nos a evidência. É preciso, pois, aprofundar as noções de intuição, evidência, atos da consciência subjetiva, dentre os quais o da intenção significativa no pensamento fenomenológico de Husserl.

Como sabemos, segundo Husserl, a consciência é intencional, ou seja, o ato intencional é visada da coisa nela mesma, excluindo-se, pois, que as coisas possam ser substituídas pela sua representação. Ele irá tratar a verdade como correspondência, desde que esta se entenda como adequação entre intenção significativa e a intuição, pois esta é responsável por colocar a consciência diretamente em presença da "coisa nela mesma", dando-se à plenitude de evidência.

Na sua obra "Idéias diretrizes para uma fenomenologia"², Husserl escreve que a fenomenologia descreve o campo fenomenal do ponto de vista de sua visada noética (polo da consciência ou do sujeito) e de seu correlato noemático (polo do objeto como presença à consciência). Por objeto não se entende apenas os que estão no mundo factual, mas também os objetos possíveis ou ideais.

É pela descrição que se pode ver a estrutura essencial do objeto; é preciso descrever os atos da consciência e os diversos modos pelos quais nós temos

acesso às coisas nelas mesmas, ou seja, as modalidades do aparecer das coisas que são vividas por nós. O objeto será submetido as variações imaginárias até que se alcance a sua estrutura essencial ou eidética, que nada mais é do que o invariante que perdura e se mantém "o mesmo" após a série de variações imaginárias a que foi submetido. Daí advém a definição de que a fenomenologia é uma ciência eidética descritiva das essências do vivido. Ela não é uma ciência exata, mas sim rigorosa.³

A percepção como intuição doadora originária nos oferece a possibilidade de realizar uma experiência vivida que nos põe face às coisas, ao outro, a existência. No entanto, para Husserl, a imaginação é mais importante, pois é graças a ela que realizamos as variações que nos conduzirão ao invariante, ao "eidos" ou essência. Nesta fase trata-se da fenomenologia como eidética, descritiva e transcendental.

O projeto Husserliano de elaborar uma fenomenologia pura consistia em realizar a análise reflexiva dos fenômenos, visando apreender a sua essência pela intuição e pela variação. A análise assim feita foi considerada como se prendendo ao ponto de vista estático, sem que Husserl se sentisse obrigado a justificar a gênese dos fenômenos. Só a partir de 1920 Husserl irá se ocupar do método fenomenológico como análise intencional genética. A descrição do dado estático permanece como ponto de entrada para o assunto, abrindo-lhe o caminho para a explicitação da sua gênese, ou seja, da sua "história intencional".

A tarefa da fenomenologia genética será a de elucidar de que modo a subjetividade operante é responsável pela constituição de sentidos sedimentados na história e pela constituição das ciências exatas e da lógica formal.

¹ HUSSERL, E. *Recherches Logiques*. Tomo 3. Paris: PUF, 1963.

² HUSSERL, E. *Idéés Directrices pour une phenomenologie*. Paris: Gallimard, 1950.

³ *Ibid.* p. 235-241.

Husserl jamais abandonou a idéia de que a fenomenologia, mesmo no seu esforço genético, deixasse de lado a análise dos dados intencionais da consciência sob o prisma da sua significação. Ao longo de toda a sua vida Husserl sempre se preocupou em saber como podemos restabelecer o contato com “as coisas nelas mesmas”, em sua evidência, em sua presença, e como o sentido das coisas se constitui em nós. No entanto, adverte-nos, não podemos afirmar que se uma coisa aparece a consciência pode-se daí afirmar que sua existência seja necessária. Na descrição deste “aparecer” há sempre uma visada da existência, mas não é necessário efetua-la.

Nas “Idéias I” ele afirma que para realizar este programa é preciso fazer a “Epoché” de todos os nossos conhecimentos científicos ou filosóficos, isto é, suspender os nossos juízos a propósito da ingênua aceitação da transcendência, praticada pela subjetividade mundana, e pelos ensinamentos que nos são transmitidos pela cultura ou pela história em relação às coisas que desejamos conhecer. Antes da “Epoché” ou da redução ou da suspensão destes juízos tudo nos parece certo. Pela redução ou colocação entre parênteses de nossos conhecimentos, começamos a duvidar de nossas crenças ou das nossas aquisições sedimentadas pela tradição e pela cultura.⁴

Não se deve confundir a dúvida Husserliana com a Cartesiana. Comentando este assunto Paul Ricoeur diz que a “Epoché” para Husserl é um “ato de suspensão e não da negação, é um ato de conjectura, de suposição calculada, de dúvida”.⁵ Aquilo que é posto entre parênteses não é anulado, ao contrário, ele é deixado intacto, ele é posto “fora de circuito e sobre ele se interdiz de fazer um juízo sobre a sua existência espaço-temporal.

O aspecto positivo da “Epoché” é a abertura que ela nos conduz em direção ao campo transcendental da subjetividade e dos fenômenos. O mundo se torna um “cogitatum”, objeto da experiência do ego transcendental, um fenômeno para a consciência intencional. Atinge-nos, pois, a uma nova experiência, a saber, a experiência transcendental.⁶ O ego se torna um campo possível de investigação e ele traz em seu seio o objeto de uma intenção, enquanto seu “cogitatum” específico. Husserl chama ao visado de noemático (objeto) e as modalidades de visar da consciência (noesis) de noéticas. Chega-se assim a estrutura típica do “ego-cogito-cogitatum”.⁷

A constituição do objeto é a função operativa primordial do ego transcendental, é um apriori universal de toda constituição. Só a partir de sua obra inacabada “Krisis” o apriori passa a ser considerado “o mundo da vida” (*Lebenswelt*).

Em sua obra “Experiência e Juízo”, Husserl explica que o “dado já-aí posto no mundo da vida” é o pré-dado universal passivo, preliminar a toda atividade judicativa, é o mundo da experiência originária, fundamento de todo pensado científico e filosófico. A existência é o resultado da constituição de um sentido no seio do ego. Assim, a natureza, a cultura, a ciência são a explicitação de um sentido constituído pelo “ego-transcendental-intermonádico”.⁸

No seu trabalho sobre a teoria dos juízos de evidência, na questão da verdade, Husserl diz que é preciso ir-se das “evidências predicativas até a evidência não-predicativa que se chama experiência” e esta experiência nada mais é que a consciência de estar em presença das coisas tais como elas são nelas mesmas⁹. Assim o retorno às coisas torna-se retorno às experiências nas quais as coisas se constituem pela

⁴ Ibid. p. 62.

⁵ Ibid. p. 98, nota 4.

⁶ Ibid., § 32, 50; *Méditations Cartésiennes*. Paris: J. Vrin, 1953, p. 23; *La Crisi della Scienze Europee e la fenomenologia transcendental (Krisis)*. Milano: Il Saggiatore, 1961, § 39, 41, 43, 55.

⁷ Ibid. § 37, cap. III, IV, V, § 50.

⁸ HUSSERL, E. *Expérience et Jugement*. Paris: PUF, 1970, p. 6-19.

⁹ HUSSERL, E. *Logique formelle et logique transcendantale*. Paris: PUF, 1957, p. 283-312.

função primordial do ego transcendental, da experiência pré-reflexiva do mundo da vida, ou o retorno a uma subjetividade operante que está velada “por seu vestimento de idéias”. É, pois, da subjetividade transcendental que estamos tratando ao falar do retorno ao mundo da vida, e é na passividade que se encontra o fundamento último de toda experiência que pressupõe que o “dado preliminar seja dado numa experiência sensível imediata”.¹⁰

A doutrina da redução e da fenomenologia transcendental continua sendo afirmada até a obra inacabada “Krisis”, em 1937. Diz ele que é preciso realizar a “Epoché” da ciência objetiva para poder liberar o mundo da vida, e permitir que este se revele como “o reino dos fenômenos subjetivos que permaneceram anônimos”.¹¹ É preciso descrever este mundo da vida para se ver que ele tem uma estrutura geral, a saber: a espaço-temporalidade, a corporeidade e a estrutura categorial. Husserl nos adverte para não confundirmos o espaço vivido da *Lebenswelt* com o espaço geométrico, o tempo vivido com o tempo objetivo da física, o corpo vivido ou corpo próprio com o corpo da bio-física, nem a estrutura categorial vivida com a idealização teórica da língua já constituída.

Graças a redução toda objetividade se torna correlata da intenção subjetiva, fenômeno para o ego transcendental. O mundo se torna fenômeno transcendental pela experiência da subjetividade transcendental. E a constituição é definida como constituição de um sentido preso a temporalização, visto ser o mundo espaço-temporal e o seu sentido estar nela inserido.¹²

Na fenomenologia das “Idéias” o termo transcendental é empregado para indicar a problemática dos vividos intencionais considerados

na sua essência eidética que pertence à consciência pura. Na obra “Krisis” o termo transcendental quer, agora, indicar o retorno à fonte última e primeira de todo conhecimento: o ego puro e seu relacionamento com a sua vida consciente e com o mundo.

Vejamos agora a questão da verdade na solução apresentada por Husserl pela via da intuição. Para ele intuição e intenção estão na esfera da vida da consciência. A intuição sensível é a zona material da consciência. Ela se realiza também em todos os atos de presentificação e de representação, atos de percepção, da memória, da imaginação, da fantasia. Já a intuição intelectual é a zona das essências, pois ela é do tipo “irreal”, não é a coisa ou a realidade objetiva, mas sim um invariante ou o idêntico a si mesmo ou, como denomina Husserl, a idealidade objetiva.

Eugen Fink comenta que este primado da intuição no pensamento de Husserl não deve ser entendido como um poder de conhecimento. A intuição tem o sentido pregnante de evidência atual expressa na fórmula Husserliana “volta às coisas nelas mesmas”¹³. É o próprio Husserl quem esclarece que “as coisas de que se trata não são as coisas da natureza, mas sim as coisas que se intuem”¹⁴. Estas coisas que se intuem nos são dadas na experiência do mundo da vida como existentes ou inexistentes, como percebidas ou imaginadas etc. Toda vivência descrita em sua estrutura essencial, ou seja, na sua identidade própria permite-nos, justamente, delimitar estas modalidades em que as coisas se dão nelas mesmas à consciência.

Na 6ª “Investigação Lógica”, Husserl afirma que a verdadeira “adequatio rei et intellectus” se realiza quando “o objeto está verdadeiramente presente ou dado exatamente tal como ele é visado”. A expressão “intellectus”, comenta Husserl, nos remete

¹⁰HUSSERL, E. *Experience et Jugement*. p. 56-58.

¹¹HUSSERL, E. *Crisi*. p. 141.

¹²Ibid. pp. 167, 228-234; § 49.

¹³FINK, E. *De la Phénoménologie*. Paris: Minit, 1974.

¹⁴HUSSERL, E. *Recherches Logiques*. Tomo 3, p. 146.

a compreensão da intenção do pensamento, a significação. Realizar-se “adequatio” quando “a objetividade significada é dada numa intuição, é dada como sendo exatamente tal como ela é pensada e nomeada”. E mais adiante ele afirma: “o ideal da adequação é o da evidência”.¹⁵

Vê-se, então, que a verdade como adequação se coloca para Husserl como adequação entre o que se intenciona significar e o significado. Como o ato de significar é intencional e não empírico, e que por sua vez o significado não é uma coisa (*res*), a adequação não é, pois, entre o pensamento e a realidade, mas sim entre a região pura da consciência, que atribui às coisas é aquilo que se oferece ao seu campo intencional um sentido, pois elas, nelas mesmas, não são portadoras de sentido. Assim a verdade é sempre a verdade de um sentido promovido pelo ato intencional da consciência como preenchimento de sentido à coisa.

Husserl fala da verdade em sentidos nitidamente diferentes em suas diversas obras. As verdades em si, ou da lógica formal, e que são concernentes às idéias, são relações de inteligibilidade que se apreendem em si mesmas. Na sua obra “Idéias” analisa os atos da consciência e, deste ponto de vista, a verdade põe as relações de inteligibilidade “in concreto”, requerendo a evidência e a experiência. Neste caso há evidência quando há adequação entre o sentido do objeto visado pelo ato da consciência e o sentido que o objeto oferece à experiência.¹⁶

A experiência vem, pois, preencher o sentido visado da coisa o mais completamente possível. A evidência requer a presença efetiva do objeto e ela é vivida pelo sujeito, não se confundindo com a experiência científica ou positiva da ciência.

O juízo não é o único lugar da verdade como era afirmado na filosofia clássica. A adequação pode

aparecer desde que um ato de visada, qualquer que ele seja, possa ser preenchido por seu objeto. A verdade é, pois, a adequação entre o ato significativo e a presença da coisa mesma “em pessoa”.

Na obra “Lógica Formal e Lógica Transcendental” Husserl examina o pressuposto da subjetividade presente na lógica formal em relação à questão da verdade. A lógica formal abstrai os núcleos materiais concretos para só considerar a forma vazia em sua dimensão objetiva, deixando de lado o suposto da subjetividade. Para Husserl só a lógica transcendental poderá tematizar a subjetividade, pois é esta que nos conduz à verdade. Só a lógica transcendental leva em consideração a estrutura intencional da subjetividade, considerada como constituinte e doadora de sentido. Para Husserl não é possível legitimar um juízo que pretenda ser adequado ao real, isto é, verdadeiro, sem levar em conta a motivação intencional, conduzindo-nos, assim, para o lado subjetivo enquanto se expressa como visada de algo e não apenas para o lado objetivo enquanto algo visado. O motivo intencional do polo subjetivo nos lança em direção ao objeto; há pois uma experiência subjetiva da evidência originária que se dá sob a forma de uma vivência ante-predicativa, ou seja, a experiência do mundo da vida (*Lebenswelt*)¹⁷.

O mundo da vida se dá como horizonte de uma presença temática e esta questão se colocará, ao final da vida de Husserl, como um novo projeto: elaborar uma ciência do mundo da vida, enquanto experiência vivida pela subjetividade, que é de ordem ante-predicativa, pré-objetiva e que tem sua fonte própria da verificação na experiência vivida e na evidência intuitiva. A consciência pré-reflexiva da experiência do mundo da vida é a certeza do mundo sob a forma da “doxa”, da crença, da fé conforme Husserl já dissera, anteriormente; no livro “Idéias”. A

¹⁵Ibid. p. 150.

¹⁶HUSSERL, E. *Idéias*. p. 160 sg.

¹⁷HUSSERL, E. *Crisis*, apêndice IX, p. 834-38.

verdade nascente repousa na doxa. A verdade vivida transborda a verdade conhecida da ciência objetiva. É, pois, o ser mesmo que se dá na evidência de maneira original.

A fenomenologia não recusa o valor da ciência nem interfere em seu trabalho. O que ela questiona é o pressuposto da ciência que, enquanto um dado objetivo é recebido pela subjetividade e esta não é tematizada ou é reduzida a um sujeito epistêmico anônimo. Esse pressuposto é um apriori, diz Husserl, que é vivido subjetivamente pelo cientista. Mas, o que importa é ir dos conceitos constituídos às condições de sua construção, ou seja, das condições de sua posição na existência e de seu modo de ser vivido. Aclarar esta vida pré-científica que a própria vida científica mantém, é a finalidade da fenomenologia Husserliana. O que se dá de modo originário não é, no entanto, o que se dá da maneira imediata. O modo originário é o sujeito vivendo, a vivência sob a forma de vivência para a consciência e cujos conteúdos, tomados tais como se dão, são intencionais.

Esta trajetória que vai da pura vivência à elucidação da vivência necessita de um certo distanciamento da vivência para que se possa descrevê-la, aclará-la, compreendê-la, ou seja, isto

envolve a reflexão que nos dá a evidência como resultado de uma conversão que nos mostra os modos de acesso ao objeto. Em suma, toda práxis teórica da ciência pertence à experiência originária constituinte, ao "Lebenswelt" e está envolvida pelo mundo da vida da subjetividade.

Fica mais claro, agora, porque Husserl já afirmara em "Idéias" que a evidência é um processo "noético" de motivação intencional de um sentido preenchido intuitivamente. A "noesis" é, pois, evidência e o "noema" o polo intencional visado pela consciência o qual terá o direito de ser afirmado como verdadeiro. É no processo originário da "noesis" que se constitui a verdade do "noema".

De modo geral a evidência é uma apreensão constituinte, ou seja, uma intuição originária de uma identidade que se dá na multiplicação do parecer noético. Intenção subjetiva e "noesis", bem como objeto intuído, "noema", estão estreitamente interligados pela intencionalidade da consciência. Essa unidade é uma constante correlação e permite compreender a adequação da intenção e seu preenchimento originário como sendo a própria verdade. Husserl apresenta, na sua retomada da noção clássica da verdade como adequação, a necessidade de se introduzir a intencionalidade quer ao nível antepredicativo quer ao nível predicativo.